

Cinema de Arte

promoção

organização

Acervo Digital
direção
do

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia

16 - Abril - 1966

“Os Trapaceiros”

(“*Les tricheurs*”)

FICHA TÉCNICA:

Realização — Marcel Carné

Argumento — Marcel Carné

Fotografia — Claud Renoir

Cenografia — Paul Bertrand

Interpretação — Pascale Petit, Jacques Charrier, Laurent Terzieff, Denise Vernac, Roland Lesaffre, Jean-Paul Belmondo

Ano de produção — 1958

Embora um homem de quase sessenta anos (nasceu em 1909) e um cineasta cuja carreira começou na década de 30, pode-se dizer de Marcel Carné que esteve nas origens da *nouvelle vague* com «Os Trapaceiros». Embora essa expressão imaginada pela jornalista Françoise Giroud servisse para designar os jovens de 1958, e daí passasse a significar a nova geração cinematográfica francesa, na verdade não ficaria mal como etiqueta da obra de Carné. Pois que o seu retrato de uma certa juventude que, pensando negar o amor, termina vítima dessa trapacaria, inscreve-se perfeitamente dentro de uma linha temática que, desde «*Et Dieu créa la femme*» de Roger Vadim, em 1956, terminou por ser a característica da *nouvelle vague*: uma absoluta desenvoltura de sentimentos, uma liberdade extrema de viver, toda uma renegação das convenções morais.

Por que teria Marcel Carné se aproximado dessa corrente? Na realidade não houve uma aproximação. O tratamento que deu ao tema, além de não afastá-lo do seu passado em pensamento e estilo, daquele realismo poético que fôra a sua marca, constitui uma visão crítica dos novos sentimentos, em vez de uma aceitação. Carné não quer uma volta: mas também não se submete à defraudação humana que aliena o amor.

Aliás, para quem conheça a filmografia de Carné não existe mistério na interpretação de «*Les tricheurs*». Quando passou a direção, após ter sido um crítico respeitado e assistente de realizadores como René Clair e Jacques Feyder, sempre se mostrou um inquieto com a problemática do amor. Do amor e do destino. Particularmente do amor e do destino com um desenlace trágico. Assim foi sobretudo em filmes admiráveis como «*Cais de sombras*» (1938), «*Trágico amanhecer*» (1939), «*Os visitantes da noite*» (1942), «*Boulevard do Crime*» (1943-45), «*As portas da noite*» (1946) e «*Tereza Raquin*» (1953).

Até hoje se indaga se seria, porém, Carné o único ou o principal autor de suas grandes fitas: geralmente contara com a colaboração de Jacques Prevert, esse tão magnífico e tão típico poeta francês, como argumentista ou roteirista. «*Os visitantes da noite*», «*Boulevard do crime*» e «*As portas da noite*» foram escritas diretamente para o cinema por Prevert, enquanto «*Cais de sombras*» e «*Trágico amanhecer*» tiveram as histórias originais de Pierre Mac-Orlan e Jacques Viot também adaptadas pelo poeta parisiense, o que também fez com «*Jenny*» (1936) e «*Família Exótica*» (1937). Só depois da guerra, em seguida a «*As portas da noite*», é que se separaram, datando de então um certo declínio na carreira de Carné, não obstante o êxito de «*Tereza Raquin*» e «*Os Trapaceiros*».

De qualquer forma, Marcel Carné já foi um dos mais significativos cineastas franceses, com o gosto do decorativo e do simbólico, uma inclinação para a beleza plástica às vezes requintada, a perfeita direção de atores e o aproveitamento da música como contraponto dramático.

Talvez ainda hoje se possa repetir a crítica de René Gilsor sobre «Les tricheurs», em 1958: um dos dois filmes franceses mais importantes e corajosos daquele ano. Um filme sempre importante e corajoso. Quer dizer: um filme definitivo, para permanecer.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

«Orgulho de Samurai», de Eitaro Morikawa

«O crime não compensa», de Nicholas Ray

«Limite de segurança», de Sidney Lumet

«Sabotage», de Alfred Hitchcock

«Quando voam as cegonhas», de Kalatozov

«De crápula a herói», de Roberto Rossellini

Festival de curtas-metragens checos

«Scarface», de Howard Hawks

«Sêde de sangue» de Yoshida Yoshishige